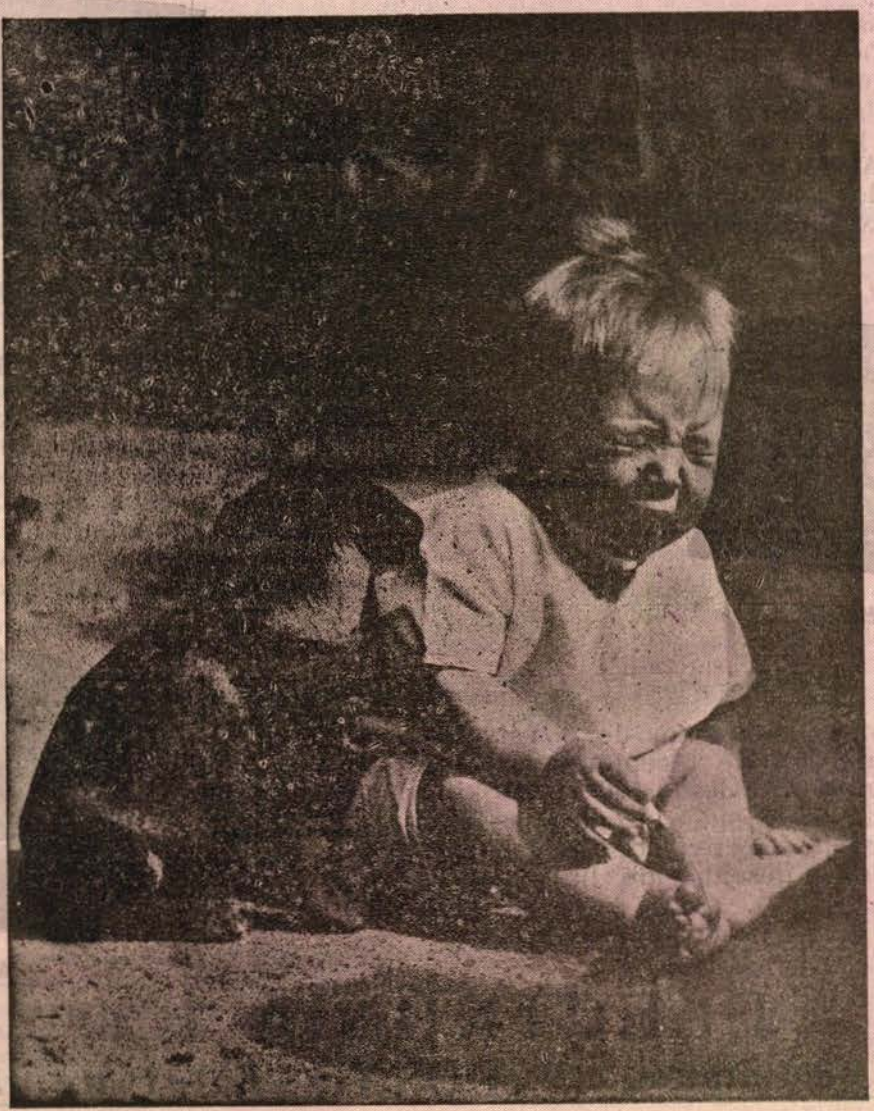




Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA



E a gente, quando chega a grande, chega a ter pena de não saber chorar

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

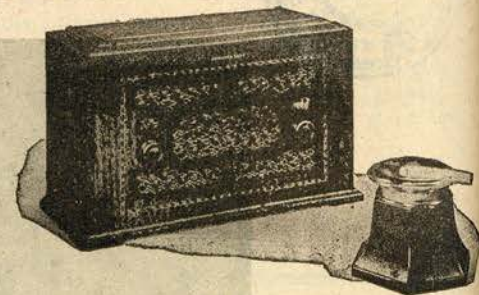
Anúncios: Preços convencionais

3 soluções económicas de

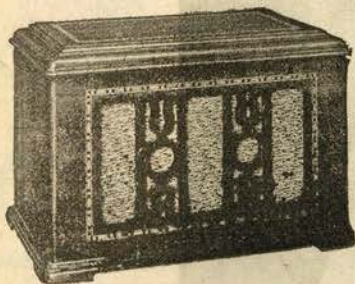
ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada em nogueira.

Esc. 1.000\$



Modêlo 155



Modêlo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modêlo 246

ELECTRÓNIA L.ª,
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Leio que os criados dos cafés reuniram mais uma vez para discutirem a maneira de se acabar com a gorgeta. Há anos que essa classe simpática andava resolvendo esse não menos simpático objectivo sem ter conseguido solucionar o problema. E eu atrevo-me a supor que não veremos ainda desta feita a abolição do exatório costume.

E' que há em Portugal dois hábitos, por forma inveterados, que se tornaram verdadeiras instituições nacionais: o empenho e a gorgeta. Nada se consegue, máquina nenhuma se põe a funcionar, sem o dispêndio prévio de lubrificar os eixos», como pitorescamente diz a gíria popular. Ora os únicos lubrificantes capazes de azeitar eficientemente uma engrenagem são a gorgeta e o empenho: gorgeta para de baixo, para os humildes, empenho para de cima, para os que mandam. E embora conteça, por vezes, que os de cima não liguem importância alguma ao empenho e procedam segundo a sua consciência, a verdade é que ninguém se convence de que sem protecções estranhas se consiga alguma coisa.

Lembra-me, a propósito, um estudante do meu tempo, que ficou atônito de espanto ao ter-se reprovado em certo exame da Academia Politécnica. Não era que ele tivesse feito boas provas ou que soubesse o suficiente para passar. Era que tinha mandado entregar aos três membros do júri nada menos de quarenta cartas. Um baralho completo. E o facto de não terem os examinadores satisfeito o pedido de essas quarenta epístolas desnorteava-o em absoluto. Em que país estávamos, pois, que já quarenta cartas de empenho não serviam de coisa alguma?

Não há ainda muito tempo que um indivíduo meu conhecido, se propôs a certo lugar ao preenchimento demandava concurso por provas públicas. Alcançou onze valores, emquanto outro dos competidores, por mais atido, ou mais sabedor, obtinha dezóito: Foi este o nomeado. E o outro explicava a quem o queria ouvir:

— Eu fiz umas provas muito bonitas. Mas que foi preferido estava atochado de empenhos até às orelhas. De forma que o júri tirou-me um certo número de valores a mim, para os dar a ele.

A explicação era inteiramente risível. Mas quasi todos a acreditavam: os que estão convencidos de que o saber vale muito pouco e só os bons empenhos pesam na balança.

Será assim. Mas a gorgeta vale infinitamente mais. Vão os senhores a Lisboa, por exemplo, e hospedem-se em qualquer hotel. No primeiro dia, ao subir a mala ou ao abrir a cama, a criada de quarto mostra-lhes as trinta

e duas pérolas da dentadura, num sorriso franco, aberto de orelha a orelha. No segundo, o rasgão do sorriso diminui uns centímetros. No terceiro, transforma-se num esgar levisimo, onde há certa pontinha de desdém. Ao quarto, entra-nos no dito com cara de sogra. Tôda cla é austeridade, frieza, indiferença. De aí por diante, não tornamos a vê-la. O que vemos é que a água de beber deixa de ser renovada na garrafa, que os lençóis da cama são passajados e pouco limpos, que o aposento não voltou a ser varrido e que debaixo do leito se acumulam montes de cotão. Se de alguma coisa precisamos, podemos premir durante horas seguidas o botão da campainha, que não aparece ninguém. Pomo-nos a meditar na causa de tão súbita mudança. Descobrimos. Largamos corredor em fora à procura da criada, para lhe metermos na mão uma nota de dez escudos. E tudo volta à primitiva. Os lençóis tornam a ser da mais

fina bretanha. e o quarto a patentear-se limpo como uma sala de operações cirúrgicas. A rapariga aparece-nos a todo o momento, de novo afivelado o aliciente sorriso. E tôda cla, arteira e gaiata, parece dizer-nos, como a *soubrette* da opereta:

.....Tudo que quiser.
Não esteja com *aquelas*:
é só dizer, dizer!

E então nas repartições públicas? Quere-se um documento de urgência? — Passe por cá de aqui a oito dias. Untam-se as molas... — Venha buscá-lo à tardinha.

Terminar com a gorgeta... Santíssima utopia! Se ainda depois de mortos, para sermos enterrados em paz e com decência, precisamos de gratificar o covreiro...

Marcial Jordão.

A' sublime porta do ocidente

Inspirações do portão da ex casa tuberculosa.

I

O' vós cujos tesoiros refulgentes
Precisam ser guardados com ansio!
O' donas de mil jóias resplendentes
Que exalçam a beleza ao vosso seio.

E pedem os carinhos mais zelosos
Ao vosso amor! Lembrai-vos sem cessar
Dos p'rigos que os malvados cubicosos
Lhes põem com seu treudo labutar!

E vós outros, nababos inocentes,
Que tendes mil cuidados alfitivos
Ao fechardes com unhas e com dentes
Oiro e notas nos cofres primitivos!

E tu, honrado ourives, que não podes
Dormir tranqüilo sono no teu leito,
Temendo os pés de cabra, as mãos de bodes
Que a horas mortas abrem sem defeito,

Da tua l'ja as portas corauçadas
Limpendo com destreza as tuas montras
Traidas por nevoentas madrugadas
E por *heróis* que nunca mais encontras;

Vós todos, que incansáveis procurais
A firme segurança dos tesoiros
Granjeados com fadigas colossais
Vendendo jóias, pão ou mesmo coiros.

Dizei alegre adeus a tais cuidados
Vencidos finalmente p'la ventura!
Já podes dormir bem descansados
Ganhando boa cara e até gordura!

Vinde, vinde ligeiros e inefáveis
Contemplar o modelo portentoso
Das portas castas, sãs, invulneráveis,
Que ali ostenta o Porto tão vaidoso!

Ei-lo! Fazendo frente às costas nobres
Do bombeiro glorioso e tripeirissimo,
Já nesse humilde pósto lhe descobres
Quanto é modesto o bom portão castissimo!

Contemplai com respeito e com carinho
A *portalização* da virgindade
Erguida com donaire num cantinho
Da sempre nobre, invicta e leal cidade!

Pureza das purezas! Como abrigas
De porte tão solene e majestático
Vindo das coisas nobres mais antigas
O depósito rico e tão simpático!

E nunca, nunca foste violado!
Jamais sentiste falsa chave à frente,
Ataque por detrás ou só dum lado,
De qualquer malfetor irreverente
P'ra roubar teu depósito sagrado!

Serás assim p'los séculos além,
Mostrando da virtude a eternidade,
Pois não há sob o sol ninguém — ninguém! —
Que manche a tua férrea virgindade!

Por esse predicado incontestável,
Tu és no mundo a porta mais famosa!
Só lamento a cegueira deplorável
Que te conserva sem «menção honrosa»!

O' artifices, sábios, engenheiros
Que consumis as operosas mentes
Com a arte feroz dos serralheiros
Montando fechaduras inclementes:

Ponde ali vossos olhos distraídos
No modelo da pura segurança
Sem segredos, sem jogos escondidos,
Sem praça com munício d'ordenança!

Requero então em prol do orçamento
E em nome do decoro nacional,
Que para aquele austero monumento
Passe o cofre do Banco de Portugal!

Zé da Sé.

Rês-do-chão

Balancete da semana

Na vila de Palmira,
formoso povoado brasileiro,
(creiam, não é mentira;
vem nos jornais, portanto é verdadeiro)
nasceu uma criança já com dentes,
com tudo que é preciso
p'ra mastigar manjares excelentes.
Nem faltavam, sequer, os tais do siso,
que só aos vinte-e-um anos são freqüentes.
Mas isto não é nada. O mais estranho
é que o petiz, pelo segundo dia,
ao sair do seu banho,
preguntou para a ama que o vestia:
— «Onde está o meu pai?» Foi grande o espanto;
tamanha a admiração e o assombro tanto,
que tóda a gente, ouvindo-o, em terra cai.
Há de ser orador, o rapazinho.
Assim com dentes e a falar tão cedo,
deve dar um político daninho,
comendo bem, 'té lhe tocar com o dedo.
Pesará no orçamento brasileiro,
que tem as costas largas.
Está ali o embrião, completo e inteiro,
de um partidário de Getúlio Vargas.

*

Que vamos ter invernos rigorosos,
e marchamos a nove, descuidosos,
para um novo período glaciário.
Por tóda a parte, em breve,
largo lençol alvíssimo de neve
se estenderá, assim como um sudário.
Afirma-o a ciência. E um jornal
pergunta qual será a moda então
e se o nu integral
será deitado para o saguão,
Não é. Se a moda assim determinar,
embora a neve tombe lá do céu,
elas continuarão
a trazer o decote exposto ao ar
e de pernas ao léu,
Que a mulher, afinal,
é um formoso animal
de sangue quente — não receia a aragem —,
tendo ainda a vantagem
da *chauffage* central.

*

Mais um alcance. Dois mil contos. Este
roubou a *massa* p'ra proveito seu.
Mas foi-lhe a sorte adversa e muito agreste:
pirou-se, p'ra ser prêso no Pireu.
Tinha sonhado um plácido aconchego
lá no estrangeiro. Mas, por imperícia,
prêso na Grécia, vê-se agora grego,
seguro pelas garras da policia.
Desabou o projecto grandioso
como desaba um prédio arruinado.
E quem sonhara ser extraditoso
acaba tristemente extraditado...

Turiddu.



O rapto das Sabinas

Este rapto, noutros tempos, deu
muito que falar. Ainda não havia o
telégrafo nem o telefone. A própria
T. S. F. só era praticada entre os
adolescentes de sexos opostos... mas
que, como os polos magnéticos, sen-
tiam em si uma força poderosa que
os atraía.

As Sabinas eram umas boas mu-
lheres, mesmo naquele tempo em que
a moda era das menos exigentes.
Como eram boas, com umas formas
opulentas e uns palminhos de cara de
se lhes tirar o chapéu (se fosse hoje,
já se vê), os homens perseguiam-nas.

Assim, um numeroso grupo de
faunos, que de há muito as tinha
lobrigado à hora do banho, reuniu-
em assembleia magna da classe e
resolveu, sob proposta dum valente
e façanhudo, com barbas até quasi ao
umbigo e cabelos até aos ombros,
assaltar as casas onde se acoitavam
tão formosas mulheres.

Se bem o resolveram, melhor o
procuraram pôr em prática; mas, como
nem tudo são rosas, neste mundo de
enganos feito, a proesa foi dura de
roer e êles tiveram que suar antes que
as pudessem levar às costas.

Segundo rezam as crónicas, os bár-
baros e barbados machos, satisfizeram
os seus insofridos desejos e foram es-
tabelecer-se, cada par, em pontos dife-
rentes: uns com lojas de comes e
bebes, outros com oficinas de ferrado-
res e o resto, por falta de dinheiro
para montar um negócio, continuaram
como até aí: Eram montados pelos
negociantes, que os julgavam béstas
de carga.

Alick.



O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Os dois e um toireiro de cabeça amarrada—O que foi tarde de Domingo último na praça de Vila Nova de Gaia

Confessamos sinceramente e sem medo de corar perante o Dr. Pestana e o Roberto Fernandes: nós nunca havíamos visto uma corrida de toiros a morte. E cá no nosso fraco entender, chegamos a julgar que eles acabam por morrer depois de se terem passado na corrida. Mas não; aquele primeiro toiro que coube ao Alfredo dos Santos e ao resto da quadrilha, passou esta para melhor sem ter sentido o mesmo. Estava fresco como um conde de profissão, e tinha mais do que as sete braças de Lordelo. Mas o toireiro é que não tinha ido ali para matar; e ainda não tinha começado para bandarilhas, já ele tinha começado a haver tocado a Santos. E Zás! Pegou-lhe uma estocada que o desengaçado nem teve tempo de dizer o ai sus da praxe.

Que, franquezinha franca: durante a primeira parte, ninguém era capaz de imaginar que estava a assistir a uma corrida a morte. O primeiro a sair era mais cansado do que um pinheiro, de tal maneira que ouvimos dizer ao nosso lado: —Ora bolas; andam por aí à solta os muitíssimo mais bravos.

Este toiro coube ao António Luís Lopes, digníssimo autor e actor cinematográfico. Constava na praça que ele não remetia contra o cavalo do Lopes, porque já eram velhos conhecidos do tempo dos *Campinos* e do *Gado Bravo*.

Estava na ponta das hastes, e uma em cada, duas rólhas de garrafas de champagne que lhe ficavam muito bem e a cada uma delas foi espetar-se no bôjo do Corvêz, que por causa disso andou toda a segunda parte com a cabeça amarrada.

Notamos ainda que este artista julgando-se como sempre no palco, botou a mão ao público do sol que o aplaudiu entusiasmado. Até ao terceiro toiro, a festa decorreu sem morte de parte a parte. E quando chegou o intervalo, depois do sr. D. Mascarenhas ter palariado um toiro desde o meio à ponta, os cornúpetos foram para dentro a dizer com os seus botões.

—Ora esta. Então nós tínhamos querido dizer que era uma tourada da assistência, e afinal o que lá está fora de menos, é assistência...

E' conveniente frizar ainda que o segundo toiro estava muitíssimo envergonhado por ter ido para a praça com roupa fora da moda, isto é: com os calções cobertos com pneus fora de uso.

2.ª parte

Quando começou a segunda parte, a assistência estava inquieta. Cheirava a morte no redondel, e o nosso público ainda não sabe ir de fato preto para estas festas bravas.

Esvoaçava o sorriso apenas do Dr. Pestana, Roberto Fernandes e do Arnaldo Leite, êsses três carneiros de profissão que chegam a ir lá fora sem pedir licença, só para terem o prazer de verem correr sangue turino.

O Inteligente sentia-se burro de todo. E o Custódio Domingos parecia um Custódio das Dores, tal era o aspecto da sua fisionomia atormentada. No Alfredo dos Santos nem falemos, porque êsse, coitado não passava do Alfredo dos Santos Mártires...

E quando deu sinal a trombeta castelhana, apareceram na praça, toureando a duo o Mascarenhas e o Luís Lopes, que tiveram em sorte um lindíssimo pigarso, onde eles se entretiveram a pregar ferros de todo o comprimento e largura. Se a coisa demorasse mais algum tempo, o Mascarenhas chegava a pontos de só espetar a farpa sem ferro de pau nenhum. Mas o Lopes não gostou da fita; e por isso resolveu espetar-lhe dois de cada vez, e fez aquilo com uma perfeição de primeira figura. O público aplaudiu nervosamente, assim como tinha já aplaudido duas belíssimas pegas de cara e de cernelha. Do que o público não gostou, foi da quietude dos forcados, porque já tinha pago suficientemente.

Os grandes momentos

La-se entrar enfim na morte! O Viana roia as unhas com um apetite fantástico. O Meireles dos óculos estava livido e o Mário de Figueiredo fazia-se muito forte. O Zé do Sul roía desenfreadamente uma ponta de charuto, enquanto o Dr. Armindo de Moraes fazia uma prelecção ao Dr. Alençao Bordalo sobre as comoções cerebrais produzidas por coisas desta natureza.

E a corneta soou e os artistas suavavam quando o quinto toiro, coitadinho, deu entrada na praça e foi marrar numa vara que lhe fugiu muito bem.

E depois já V. Ex.ª sabem o que se passou. O Alfredo estava com pressa e despachou o bicho desta para melhor em duas estocadas. E quando o sacrificado ajoelhou, o Alfredo sofreu tamanha alívio que se pôs a citar a praça mostrando-lhe o bicho de joelhos.

O sexto, foi quasi a mesma coisa com a diferença de ajoelhar apenas à quarta estocada, que, cá para nós, foi a mais perfeita de todas. Se o Custódio começasse por ela, tinha sido um herói formidável e nós propunhamos que se cortasse a orelha ao bicho para lhe dar.

Não consta, porém, o nome da lavadeira dos dois denodados artistas. O programa, afinal não indicava nada, com medo de errar.

Quadras... que quadram

Eu já vi o que não viste,
O que não viste eu já vi:
Uma mulher do Brasil
A dar à luz um sagüi!

Dizem que tens uma unha
Desde a nasçena encravada;
Queres um conselho de amigo?
Corta êsse dedo à machada!

Vós sois toda um fundo mar,
O' Senhora Dona Sol;
Se as minhas mãos são bateis
Vosso nariz é um farol.

Ao ver-te as linhas do corpo
E o bôjo lindo do seio,
Cai por terra... e depois...
Acordei partido ao meio!

No alto da perna esquerda,
Tens sinaizinhos a rodos;
Não os vi, nunca deixaste,
Mas nêles falas a todos.

Na noite do teu casório,
Houve grande animação;
Pois enquanto o noivo ria,
Tu comias... salpicão!

— Porque está o Rui a olhar
Por minhas pernas... além?
— Porque desejo enxergar
Um gilvãs que você tem!

A mulher que não tem pêlo
E', bem sei, desconsolada:
Parece quasi a comida
Mais insossa que salgada!

Ao olhar para o teu busto,
Com fulgor e com ternura,
Disse eu de mim, pra comigo:
— Que macia sepultura!

A certo hotel aborçaram
Um fidalgo e sua dama;
Previne aquele a criada:
— Que não ranja a nossa cama!

Fernando.

Boa resposta



— O senhor que faz, de mãos nos bolsos e cigarro ao canto da boca?

— Que faço?! Ora essa!... Descanso, para quando for velho.

Duas formidáveis exposições de Arte — CRUZ CALDAS e F. LACERDA — A abertura — O ânimo dos expositores e a alegria dos "grooms" — Comentários que podiam levar à prisão maior celular — A fala Vermelha :: :: duma senhora que deita "rouge" — Conclusão :: ::

Ainda não eram três horas e já o combóio-cágado que partira de S. Bento depois do meio dia — pulmões reduzidos a magnésia calcinada e silvo cheio de bacilos, — chegava à praia que por ser de Espinho não comporta senhoras com espinhas.

Saltamos lépidos para os travessões dos carris mal puidos e, vencido o tísico cais, enfiávamos pelo Casino semi-aberto.

A' nossa invasão quasi bárbara, e quando se desembrulharam as primeiras caricaturas, os «grooms» começaram a pinchar em gritos de sagüi com cio e se não partiram as lâmpadas do teto, foi porque o teto é despido d'esses bicharocos que escarram luz.

Cruz Caldas, esse Artista que por ser enorme dispensa elogios, começou a enfeitar as paredes cinzentas com os seus trabalhos cintilantes em flagrancia, chispando em cada traço vida, expressão, talento, observações inéditas, grandeza... eu sei lá!

Não estava sereno e compreende-se! Porque êle — pele tiszada de pescador albergando ossos de criança — vive só dos nervos, não sendo nunca senhor de si, quando a centelha da inspiração relampeja no cérebro e a mão se adianta para o lápis ou quando é chegada a hora de descortinar ao público — quantas vezes caninamente alvar — o seu trabalho de grande, muito grande envergadura artistica.

F. Lacerda é por enquanto um temperamento de pólo contrário. Não me admira, porque é um rapaz. Além de rapaz, um estoico, um glacial.

A sua Arte é essencialmente geométrica e profundamente sintética.

Ninguém poderá notar-lhe, por mais atenuadas, quaisquer influências de outrem. F. Lacerda é F. Lacerda.

Olhemos a sua exposição:

Caras magnificas traçadas ás rectas perfeitas e curvas rigorosas. Aqui um bigode espesso e umas sobranceiras em arco deixam adivinhar o Conde das Devezas. Mais além, encarcerado uma lua cheia, o Sr. Dr. Germano de Campos Monteiro ostenta, alheio ao mundo, o maravilhoso nariz à Cirano.

Chispas de verdade, rigor, pequenos nadas que são tudo.

As portas do Casino abrem-se final-

mente ao público e uma onda de gentinha alaga, alastrando, o desafogado hall.

Chovem, então, e como o granizo, os comentários de todos os calibres, de todas as cores e de toda a peste.

Um menino de óculos (por certo embaciados) e de repas sedutoras à Beatriz Costa, diante da galeria do F. Lacerda sai-se com esta a um outro da mesma raça:

— Estes quadros tem um defeito, um grave defeito: são muito autocaricaturas!

Resposta do parceiro amigo:

— São... demasiadamente. E é pena porque o Lacerda se fôsse ultra subjectivo inconsciente, seria maior caricaturista do que o Columbano!

Claro que se eu fôsse do Governo pregava com esta insinuante parrelha na terra própria: Cacia.

Adiante.

Junto do sector de Cruz Caldas, um homemzinho que devia ter perua ou algum tio galináceo, comenta a meia voz, em frente a uma caricatura representando um cavalleiro encarapitado num galo:

— Bolas! Este galo não tem esporas e devia tê-las. Além disso, galos desta raça não apresentam a crista tão oblíqua. Nunca vi assim um bípede!

Pois eu declaro que quadrúpede como este critico é que nunca enxerguei em dias da minha vida.

Outra apreciação de estalo e no mesmo sector:

Um homem colérico, pescoço taurino e olhos da cor de ovos estrelados, chega-se ao C. Caldas e grita:

— Olhe lá! Então Você põe áquele homem (e aponta um trabalho) uns óculos de ar de ouro, quando a realidade é d'aro castanho?

O nosso simpático artista, ventas taapadas pela constipação e dentes prontos a morder, retorquiu:

— Será realidade, será! Eu cá nunca o dei!

As senhoras gostaram sem o mas da praxe. Só uma achou esquisito e inverosimil certo nariz rubicundo que vive pelas noticias.

— Que diabo! — explicou ela, empastelando de «rouge» os malares — Se na verdade o nariz é assim, êle

não pode fazer o que dizem — e a ser certo o que dizem êle fazer, é falsissimo o nariz como está!...

*

Regressamos ao Porto horas mortas. Batemos à casa da MARIA RITA. A venerável matrona que já havia dormido dois sonos, veio abrir a porta, em saia branca, touca na cabeça e óculos no cavalete nasal:

— Entrem... entrem!...

Não contando comigo, deitou nas colinas dos seios amelançados os dois homens do dia... e da noite, preferindo em voz de mel, enquanto arrotava com o flato:

— Que seria de mim, meus queridos filhos, se vós fosseis mais do que o dueto?!...

E' que teria que entrar em negociações com a Menina Húmida!...

Fernando.

Posta restante

Ladino — Recebido e obrigado.

Rei dos Nabos e Nabiça — Ele, verdadeiramente falando, há por aí muita ingratidão! Quando foi que a nossa MARIA deixou de corresponder à amabilidade dos seus amigos? Nunca, aliás, jamais, outrora! Ora então queiram dizer-nos das suas queixas. Se vocês souberem o que cá temos em verso, então é que fariam ideia da largura traseira do nosso semanário. Não desistam por favor. A MARIA RITA é de todos. Mandem nela.

Alberto H. da Silva — Palavra de honra que não percebeamos nada. Então você pergunta alguma coisa? Se assim foi é favor entrar na repetição.

Ramalhete

Se não houvesse os espelhos
Para você se mirar,
Tinham-se, cá a meu ver,
Fatalmente que inventar.

Quando eu dancei contigo
Um tango todo doçura,
Achei que tinhas a carne
Agradavelmente dura.

Ah! muito pode quem ama!
Eu inda chego a paamar,
Como p'ra dormir contigo,
Trepei ao teu quinto andar.

Inda não-de nascer os sábios
Que tenham sabedoria,
P'ra calcular nas mulheres,
A manha e a hipocrisia.

Há tanta, tanta mulher,
E tanta mais por nascer,
Que, francamente, não sei
O que veem cá fazer.

Lérias.

Albano Ramos Pais & Filho

ALTA COSTURA



Ateliers de vestidos e roupas brancas

Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO

TELEFONE 4258

DESCANSO SEMANAL

Carta aberta ao sr. Mesquita Júnior muito digno correspondente do jornal "Maria da Fonte" que se publica na Póvoa do Lanhoso

Sr. Mesquita Filho:

Pode V. Ex.^a começar por dizer que não é este propriamente o chamado que o seu pai lhe deu. Há de perdoar no entanto, que discordemos se assim pensar, porque o apelido de Júnior é tão vago e tão difícil de pronunciar convenientemente, que nem nos atrevemos a escrevê-lo.

Podíamos é certo, chamar-lhe Mesquitinha, porque Mesquita foi o senhor seu pai; mas também não gostamos de diminuir ninguém, e muito menos V. Ex.^a a quem não temos o gosto de conhecer pessoal ou intransmissivelmente.

Temos, porém, a certeza de que V. Ex.^a deve ser alguém no nosso burgo, um nome das letras tripeiras, pois nem de outra forma se compreenderia que fosse chamado semanalmente em espírito, até à Póvoa do Lanhoso.

Nós desconhecemo-lo... mas quem diabo somos nós na imensidão terráquea? Um Zé ninguém com quem V. Ex.^a embirra imenso, um zero que V. Ex.^a teima em colocar à direita da vírgula das suas congeminções, uma tabua reles da praça imensa desta vida onde V. Ex.^a esbraveja denodada e impacientemente.

Deixe-nos portanto V. Ex.^a passar em claro as apresentações e entrar no verdadeiro traçado desta carta, que se vem adiando há que semanas, pela simplíssima razão de que o público nada tem que ver com os nossos desabafos, e o que quer ler nesta secção são asneiras, cavaladas, escouceadelas gramaticais e cacianices dos outros. E V. Ex.^a deve concordar conosco assentando em que, jornalisticamente, se encontram por aí tantos cavalos e burros, que a termos de dar atenção a V. Ex.^a antecipadamente, seria arrebanhá-lo nessa fauna.

Dá-nos razão, pois dá?...
A primeira sacudidela da sua tripeiríssima pena teve lugar quando nós aqui mesmo atacamos, de frente como sempre, o poeta de Esporões, Garibaldi de nome, esse oceano de talento que vem espalhando versos em todos os jornalecos portugueses, desde a *Maria da Fonte* até ao *Jornal de Notícias*.

Não sabemos se algum grau de parentesco liga V. Ex.^a a este formi-

dável vate bracarense. Se V. Ex.^a fôsse mulher, diríamos que tinha relações íntimas com ele, pois foi V. Ex.^a quem sentiu as dores. Assim, longe de nós tal juízo!... Mas ainda hoje não sabemos a razão porque saiu à rua em cabelo, transformado o semblante e o gesto tresloucado, a defender o sublime poeta.

Tinha V. Ex.^a razões poderosas para vir assim à estrada? Ou foi simplesmente pelo prazer de nos insultar que o fez, tudo lhe servindo de pretexto?

Não o sabemos, sr. Mesquita Filho. Quer-nos parecer, porém, que foi este último considerandum que o seduziu. E' corrente ver-se muito D. Quichote por aí. E oxalá a sua Dulcinea lhe saiba corresponder como merece.

O que V. Ex.^a escusava era de mostrar tão claramente a má educação que com certeza não herdou de seu pai...

Ora vê como há pouco tínhamos razão em não lhe chamarmos Júnior!...

V. Ex.^a podia ter saído à rua em cabelo, porque isso está em moda; mas escusava bem de vir assim tresloucado, de semblante tórvo e de grosseiros ditos engatilhados.

Veja sr. Mesquita, o que há-de julgar de si a sua pena permanente?

Como tôdas, deve ser uma estilográfica. E sendo assim, veja o estilo que lhe deu: de carroceiro, de peixeira e marafona misturados.

E se fôsse só dest'arte, até seríamos capazes de lhe saltar por cima, pois raro é o sítio hoje em dia, onde não há um escarro ou um monturo.

Mas V. Ex.^a além de tudo isto, e em tudo isto até, faz incidir a chama ardente da mentira.

E isto é feio sr. Mesquita Filho. Isto deslustra a sua pena permanente!...

Não deslustrará V. Ex.^a, porque cada um vive como e onde quer. Mas a sua pena sr. Mesquita!... Tenha pena dela.

Tudo o que o senhor escreve acerca do nosso jornal é um chorrilho de mentiras, tantas e tão bem amontoadas que chega a ser talento acavalá-las tão bem.

Há uma, porém, que não deixaremos passar em claro. Diz V. Ex.^a:
Os célebres jornalistas do Rita Ma-

ria não tem a hombridade de se desmascaram...

V. Ex.^a, com certeza escreveu isto depois do seu jantar... De contrário lembrar-se-ia que quem estas linhas subcreve, e que é afinal quem sempre tem colecionado e escrito o *Descanso Semanal*, somos nós: José de Artimanha, pseudónimo tão conhecido neste meio, como, ou mais, que o meu pobre nome de Heitor de Campos Monteiro. Nunca o escondi, e de tal forma o cultivo, que V. Ex.^a pode reconhecê-lo em diversos notários. Creia V. Ex.^a que se procedi assim, se adpotei o pseudónimo foi para fugir ao Júnior que enrabicha o seu nome. E só por isso.

Cá em casa, de resto, ninguém enjeita nada do que se publica, e V. Ex.^a, se quisesse ser um jornalista de verdade, uma pessoa sensata e um inimigo da mentira, devia procurar informar-se convenientemente antes de ir para tão longe dizer mal de nós.

Estamos mesmo a ver que V. Ex.^a não teve quem, mais perto, desse guarda às suas locuções cerebrais. Foi por aí fora à cata de um jornaleco que o acobertasse, e teve de ir para lá de Braga (de Braga para a Póvoa desce quasi sempre) para encontrar a fôrma do seu pé. Cheirou-lhe, e bateu certo.

O que não poderá nunca bater certo, sr. Mesquita, é a forma que V. Ex.^a adoptou na *Maria da Fonte*.

Podemos garantir-lhe que gostamos imenso de popularidade e quanto mais longe do Pôrto, melhor. Agora o que gostávamos também, era de ver esse reclame passado ao menos pela fieira da lealdade, embora essa lealdade nos fôsse dolorosa.

Assim não, sr. Mesquita. Assim V. Ex.^a, além de nos obrigar a ver em si um novo Fuas Roupinho, obrigarnos-á também a considerá-lo como arreeiro ou almocreve de pêtas.

Creia V. Ex.^a na nossa profunda admiração pelos seus dotes de defensor dos oprimidos no verso, como o foi, e só por ele querer, o poeta *Garibaldi*.

José de Artimanha.

A tempo: pedimos aos nossos leitores nos desculpem o fraco prato que esta semana lhe servimos. Não pode ser sempre marisco. De quando em vez é necessário um bocadinho de carne.

Visitem **ESPINHO** -- Magnífico Casino



Um homem que depois das «premieres» nos costuma oferecer uma sopa à Juliano

MARIA RITA, sempre na vanguarda das noticiinhas boas e frescas, quis lançar ao vento da publicidade a opinião dos peritos sobre o que será a próxima época teatral intre-muros do burgo tripeiro, como diria o Edurisa, ou em *chez nous*, como então diria o Juliano Ribeiro. E, assim, MARIA RITA, que é tu cá tu lá com os Sarceys do Pôrto, foi ouvir as suas doutíssimas opiniões para as dizer ao público sem tir-te nem guar-te como ainda diria o Edurisa, ou *sans peur ni reproche*, como também diria o Juliano.

Fala o Edurisa

Vamos encontrar o nosso primo Edurisa atarefado na redacção de *O Comércio do Pôrto* entre montanhas de livros e papelada. E ao vê-lo anafado e roliço, não podemos esconder a nossa admiração:

— Então tu (a MARIA RITA tuteja-se com êle) não foste excomungado pelo Tavra Bey por lhe teres estragado o *arranjinho* ?!

— Não, minha simpática amiga. A excomunhão da gente de teatro (e tantas teem sido elas!) fazem-me engordar e aumentar o apetite. O teatro, hodiernamente, é um labirinto abismal onde estuam, frenesiados e ígneos, os mais vesgos interesses. A Arte não existe — a Arte na pulcritude do simbolismo e da sua espiritualidade. O teatro, nos egoísmos e hipocrisias dos tempos que correm, é um escaparate onde se expõem os videirinhos de posterior roliço, como diria o bom do amargo Silva Pinto, e uma vala-comum onde vão descambar e desaguar os falhados da vida. Há excepções — que o perfulgente sol do génio acalenta e anima. Que

saúdades do meu *Pontas de Fogo*, de há vinte anos! Ai sim — ai podiamos esbordoar à vontadinha todos que do teatro faziam *feira da ladra*. Mas também quando valiam — a gente alçapremava-os aos zingamocho da glória!

— Mas o que pensas da próxima época teatral no Pôrto?

— Há de ser como as outras, boa se não lôr má, e má se não lôr boa.

— E o cinema não comerá o teatro?

— Não. A gente do teatro é que está a comer do cinema, e é logo cada *posta* que pesa 40 quilos! O Vasco Santana que o diga...

— Mas teremos bom teatro?

— Teremos os artistas de revista na declamação e vice-versa. Os empresários com os capitais... da bilheteira e a fazer beicinho quando o público lhes falta. Os revisteiros a queixaram-se por ver as suas *ideias* roubadas pelos seus colegas estrangeiros... *Et coetera...*

Deixamos o Edurisa; não quisemos ouvir mais verdade e fomos prègar a outra freguesia.

Fala o Mário de Figueiredo

Mal entramos na redacção de *O Primeiro de Janeiro*, o nosso querido compadre Mario de Figueiredo, levantou a sua linda cabeça de cabelo encaracolado e que na Africa tão invejado foi, duma resma de *linguados* e tiro-teu-nos à queima-roupa, antes de lhe dirigirmos os cumprimentos da praxe:

— Já disse, não aceito a comenda. Tinha mais que fazer.

— Não é isso o que nos traz por cá.

— Não, não os posso atender. Estão todos de férias, e eu para aqui com o trabalho de todos...

— Queriamos saber a sua opinião sobre a futura temporada teatral no Pôrto.

— Não quero nada com os cómicos, e muito menos com as cómicas e os empresários. A fauna teatral é complexa e complicada. A gente nunca sabe por onde a tem. Por isso, ao largo, e cara alegre. Boa ou má a temporada teatral, eu cá estou para dizer da minha justiça sem reticências nem linhas reservadas, mesmo que o Lopes Vieira invoque protecções e o Loureiro Dias peça misericórdia...

— O Loureiro Dias? — dissemos nós.

FALAM OS SARRS INDIGENAS

O que será a próxima temporada teatral

O que éles pensam e o que dizem. Vínios e cálculos. As suas opiniões

— Para êsse, a melhor companhia é a que está no *Sá da Bandeira*.

E mais não lhe digo. Estou atarefado com serviço. E quero ir outra vez para o Bom-Jesus. Antes me quero ver com o Longuinhas do que com certa gente de teatro.

Deixamos o Mário Figueiredo e fomos prègar a outra freguesia.

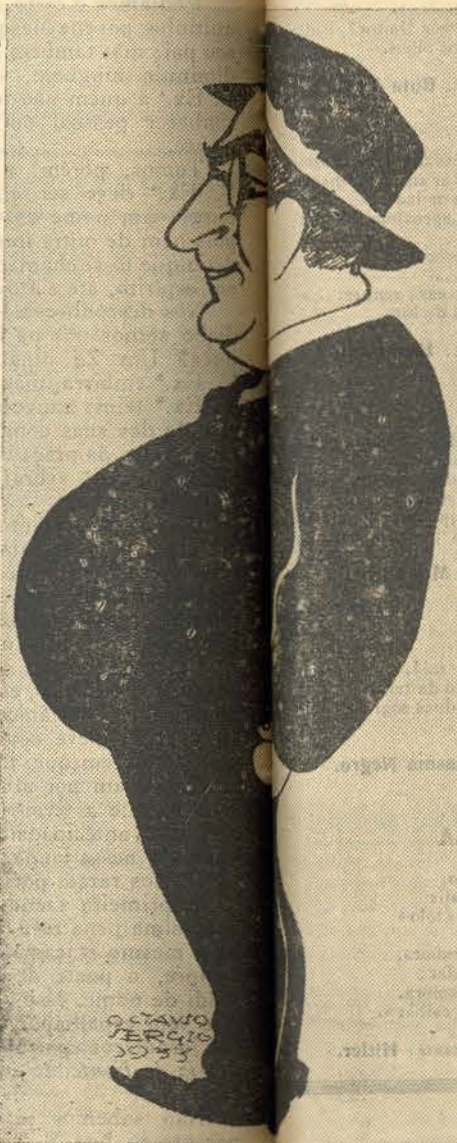
Fala o Juliano Ribeiro

Fomos encontrá-lo na Praça da Liberdade todo elegante, sorridente, em cabelo e de polainitos brancos. Desta vez não trazia o menino ao colo.

A' nossa sacramental pergunta, abriu-nos os braços e, desfechando o mais sedutor dos seus sorrisos, disse-nos:

— Vai ser em cheio, estupenda, a próxima época teatral.

Uma temporada *au grand complet*, sem vácuos nem reticências. Teatro do bom. Teatros sempre cheios, como eu digo na gazeta. Teatro de entusiasmo, do que nos obriga a dar palmas desenfreadamente, como eu sempre faço, e pelo que me julgam *attâché à claqué*. No *Sá da Bandeira*, um teatro *chic, smart*, teremos o *bijou* da arte. A' frente



O crítico pirlampante do Pôrto

a Beatriz Costa — *mignone, charmeuse, poufée* —, *vedette* cheia de celebridade,

um mixto de Mistinguett e Réjane. Depois, o Erico Braga — *causeur* elegante, *blagueur, bon vivant* — um genial actor com o espírito de Chevalier e o talento de Zaconi. Depois, o Jorge Grave, um grande actor, um Mestre. E, entre outros luminares da cena, a Maria Ema, a Georgina Cordeiro e Maria Brásão, as três graças do Teatro Português, as três Duses da revista. Em Portugal, creia, representa-se melhor do que nunca. Quem disser o contrário é maldoso. Todos são mestres — e grandes.

Tenha paciência — acrescentou —, não lhe posso dizer mais nada, pois tenho ainda que ir fazer hoje trezentos discursos. E já nos demos por satisfeitos.

Fala Eduardo Lopes

Eduardo Lopes recebe-nos sorridente como sempre e responde-nos logo, à nossa primeira pergunta:

— Não quero falar. Insistimos. — Diga-nos o que pensa da próxima época teatral?



que passara este inverno a «Caldo e Broa»

E p'rá semana, ouviremos os conspícuos empresários.

Não deixem de ler no próximo número uma monumental reportagem sobre monumentos, estátuas e outros aspectos interessantes da cidade de Viseu?

Conhece a sua terra? Não me parece. Leia o próximo número e depois verá.

O Mário de Figueiredo



com a cara que costuma usar nas «premieres»

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 73 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 366

N.º 371

— Minha senhora, estão ali duas pessoas que querem falar-lhe...
— E de que sexo?
— Não sei, minha senhora; não me disseram!...

Remetente: **Rei dos Nabos.**

N.º 372

Um mau pagador, ao ver a distância um amigo a quem tinha cravado, procura esgueirar-se. O credor, porém, que viu os seus manejos, aproxima-se e diz-lhe indignado:

— Há seis meses que você me pediu emprestados 100.000 e a despeito de eu o ter procurado por inúmeras vezes para os receber tem sido passadas e tempo perdido. Diga-me ao menos o dia, ao certo, em que mos pode restituir!

— Essa é muito boa! — responde o caloteiro — Eu sei lá?! Você persuade-se, porventura, que eu sou profeta?!

Remetente: **Serigaita.**

N.º 373

Um oficial, instrutor de recrutas, dizia aos soldados:

— Quando ouvirem a voz de «marche», todos simultaneamente, levantem a perna esquerda. Portanto, atenção!... Ordinário! Marche!...

Todos os soldados erguem a perna esquerda, excepto um que ergue a direita. Constatando-se por esta forma duas pernas emparelhadas. Ao ver tal, o instrutor pergunta indignado:

— Quem é o alarve que está aí com as duas pernas no ar?

Remetente: **Serigaita.**

N.º 374

— Sargento Novais!
— Pronto, meu comandante.
— Porque castigou o soldado 69?
— Porque o surpreendi a arremedar V. S.ª diante da companhia.
— Arremedar-me! Fiz muito bem! Mas o que dizia esse patife?
— Repetia as vozes do comando, berrando como uma besta!

Remetente: **Ladino.**

N.º 375

Helena e Elisa, duas amigas íntimas, estão-se mascarando, para irem a um baile. Uma vai de noivo e a outra de noiva.

A que vai de noivo:
— Eu, com calças de homem, devo fazer furor no baile!

A outra:
— Pois eu, sem calças de mulher, ainda devo fazer mais...

Remetente: **A. Duval.**

N.º 376

— Quem bate? — pergunta S. Pedro.
— Fulano de Tal dos Anzóis...
S. Pedro folheia a escrita; e, após demorado exame, responde:
— Não pode ser! Há engano! Você só morre daqui a dez anos... Onde morava? Quem o tratou?
— Na cidade de tal e fui despachado pelo Dr. M...
— Senhor meu Deus! Este médico dá-me cabo da escrita!...

Remetente: **Pedro Pau.**

N.º 377

A saída do comboio, em Cascais:
O cocheiro (obsequioso) — O freguês quer ir à Bóca?
O freguês — Não; hoje não. Acabei há pouco de almoçar...

Remetente: **Lérias.**

N.º 378

— Ih! Que mulher feia! Mulher tão horrenda nunca vi em minha vida.
— Olha que é minha mãe, ouvieste?
— Ah! Ela é tão feia, tão feia, que até é bonita!

Remetente: **Adriano X. Nel.**

UMA PARTIDA DE XADREZ



Ela, levantando-se — Para dar xequete, podias poupar-me.

Ele, calmo — Que queres, em dez anos de casados, só hoje te pude vencer.

N.º 379

Certo corrector dum hotel, embora inculco mas jocosos, resolve, certa noite, ir agradecer ao sr. Dr. X..., que se encontrava em conversa com um grupo de amigos, o favor de lhe tratar a mulher de grave enfermidade, gratuitamente:
— Xôr Doitor — diz o Manel — Venho agradecer a Vocelência a missão que fiz de me salvar a Rosalina de Graça. Vocelência é um sábio, é um poeta, é um jornalista, é um orador. Enfim: Vocelência é um «escroco»!

— O que você é — riposta o doutor, — é um grande analfabeto!
— Mas não é de fome, xôr Doitor! — atalha o corrector, arregalando os olhos.

Remetente: **Bota Tudo.**

N.º 380

Certo cavalheiro entra em um grande estabelecimento de lanifícios com ar ansioso, olhando de modo inquieto para todos os lados.

Um empregado da casa aproxima-se e pergunta:

— Que é que o senhor procura?
— Perdi minha mulher...
— Segundo andar, meu caro senhor... ao fundo do corredor... artigos de luto.

Remetente: **Horaciano.**

N.º 381

Entre amigos:
— Com que então, sendo tu um pobre diabo, trazes os teus filhos de óculos!...
Sim. E' verdade. E são de aumento.
— Acaso, sofrem eles de miopia?!...
— Nada disso! E' para que quando eu lhes dê uma fatia de pão, eles julguem ser um pedaço.

Remetente: **Monteiro II.**

N.º 382

Entre lavradores:
— Que lindo tempo de soll!... Se assim contina, não tarda a sair tudo da terra.
— Jesus!... E eu com duas sogras sepultadas!... Olha que espiga!

Remetente: **Fantasma Negro.**

N.º 383

EPIGRAMA

Doua Pancrácia Rebólo
Preguntou ao padre Félix
Se, quando escrevesse «tolo»
Devia usar de dois ll.
O padre: — «Minha senhora,
Conforme com quem falar;
Se escrever ao que a namora,
Os dois vem mesmo a calhar».

Remetente: **Hitler.**

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR



Contos... sem ser de reis

“Hoje não se fia...”

O CARACOL

O caracol, é um animal proveniente do cruzamento duma lesma com um búzio. Não é peixe, não é carne; é assim a modos uma coisa peganhenta, que anda, mas parece que não anda.

Há caracóis célebres, o Caracol da Graça, e um certo caracolinho que a Rosa Maria, da R. do Capelão, usava aos domingos e dias feriados.

Ainda a este respeito, temos as escadas de caracol, o Caracoles, etc., e tal.

O caracol não paga renda de casa. Para onde vai, logo leva os seus apensos.

É muito patusco, este sr. Caracol...

Os caracóis são muito vagarosos, sendo por isso bastante parecidos com os cágados (cuidado com o acento) lesmas, e outros animalejos que fingem que andam.

No mundo dos bichos, bichinhos, e bicharocos, os caracóis, pertencem ao grupo daqueles que não podem cometer delitos, seguidos de fuga, devido ao rasto denunciante que deixam no caminho que atravessam.

Que pena não se poder enxertar caracóis em todos os bandidos!

Simplificava-se o trabalho ao exímio e espicolondrífico Custódio das Dores.

Os caracóis são muito infelizes, coitados. Às vezes, inda não são casados, e já põem os «pauzinhos» ao sol.

Alimentam-se de couves, nabijas, nabos e outros vegetais que lhes apareçam à mão de semear.

Emfim, sobre o caracol nada mais há de notável, zoológicamente falando.

Lérias.

Teimosia poética:

Um poeta jamais será vencido
Em seus versos d'amor... tem a alegria
Dos seres, os mais subtis da fantasia,
Tirando até do nada, um bom partido!...

E d'isto há muito estou bem convencido:
A prosa... é uma maçada... uma otupia...
Não tem as cores *nuances* da poesia...
A filigrana... as rendas do tecido!...

«Teimar, para vencer», alguém já disse...
Assim, para vencer, meus versos faço,
Com a poesia doce da meiguice!...

Eu d'esta forma, emfim, armando o laço,
D'amor, levando as divas, à doideira,
Veem elas ter comigo, a cada passo!...

Alfredo Cunha (Raza).

Anastácio Burromeu era um mercieiro que, certamente por ser *fino*, não vendia por *grosso*; o retalho era o seu forte. Não obstante, a sua mercearia era a mais bem sortida de Alhos Vedros e o sr. Anastácio Burromeu, *abastado negociante desta praça* como lhe chamava *A Gazeta de Alhos*, fazia tanto negócio na sua mercearia como todos os outros mercieiros reunidos.

É que na loja do sr. Anastácio encontrava-se sempre um variado sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, bem como fazendas, ferragens, bijouterias, candieiros de petróleo e outras miudezas miúdas.

A espósa do sr. Anastácio, a sr.^a D. Sofia, tinha de deixar várias vezes os seus afazeres caseiros para vir ajudar o marido a partir sabão ou a pesar bacalhau.

Mas, infelizmente, como em tódas as mercearias, o nosso abastado negociante desta praça tinha um livro de calotes repleto de nomes e algarismos a cujo total o sr. Anastácio perdera de todo a esperança.

Então o mercieiro meteu a mão na consciência, tirou uma ideia ao acaso e disse para a consorte:

— Estamos sem sorte, Sofia! Temos aqui no livro quantias que nunca mais receberemos.

O sr. Anastácio era um tipo alto e cheio. A espósa olhou-o de cima baixo — no que gastou seguramente quinze segundos — e disse como uma censura:

— Eu bem te dizia que não fiasses...

O sr. Anastácio a-pesar-de ser alto ficou cabisbaixo.

— Agora não há remédio! — disse ele resignado.

E começou a pensar na melhor forma de evitar os fiados dali para o futuro.

Assim passou algum tempo, até que certa manhã, quando se abriu a loja do sr. Anastácio os fregueses depararam com o seguinte letreiro, pregado a um lote:

**HOJE NÃO SE FIA:
AMANHÃ, SIM!**

O sr. Anastácio julgou encontrar por esta forma, aliás bem corriqueira, a solução do problema dos fiados.

Mas, infelizmente, a maior parte da clientela era analfabeta e o sr. Anastácio tinha de ler o letreiro a todos os fregueses os fregueses.

E durante muito tempo, quando aparecia algum cliente com cara de quem não trazia dinheiro para as compras, o mercieiro perguntava:

— Traz a importância? — e em caso negativo apontava o letreiro, e pronunciava como uma sentença: — Hoje não se fia: amanhã, sim!

Esta cena era repetida dezenas de vezes ao dia, até que o sr. Anastácio apanhou o hábito de pronunciar aquela frase por dá cá aquela posta de bacalhau e por último já não perguntava ao freguês se trazia dinheiro: ia logo direito ao fim:

— Hoje não se fia: amanhã, sim!

*

Convém dizer que os espósos Burromeu, isto é, o sr. Anastácio e a sr.^a D. Sofia, a-pesar-de se darem como Deus com os anjos, como Paulo e Virgínia ou como S. Jerónimo e Santa Bárbara, dormiam em camas separadas, pela razão simples de que a sr.^a D. Sofia tinha um dormir muito trapalhão e descobria o marido, como se este fôsse o Brasil e ela o Pedro Álvares Cabral.

É claro que esta regra tinha as suas excepções, cujas eram quando os dois espósos se achavam bem dispostos e ao sr. Anastácio não incomodava fazer o papel de Brasil.

Ora certa noite, à hora de recolher a penates, a espósa sentiu-se Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Cristóvão Colombo e co'oresto etc., etc., e pediu ao marido para lhe fazer companhia.

Mas dava-se o caso de o sr. Anastácio não estar bem disposto, de forma que o deu a perceber à espósa, fazendo uma cara doentia.

A D. Sofia ficou desanimada e disse-lhe com meiguice:

— Então, Anastácio, hoje não me fazes a vontade?

Ao que o nosso mercieiro respondeu, também carinhosamente: e quasi sem dar por si:

— Hoje não, Sofia: amanhã, sim!

Gabriel Terroso.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 28

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

7 DE OUTUBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

OTTER
OINOTNA
DILIA GALO

Decifrações do n.º 26 — 1) Ripe, 2) Bida, 3) Trocato, 4) Vala, 5) Camilia, 6) Magazina, 7) Catrina, 8) Havia, havião; 9) Baralha, balha, 10) Solução, 11) Reguengos de Monsaraz, 12) Figueira de Castelo Rodrigo, 13) Sobral de Monte Agraço, 14) Xoca, 15) Quem sai aos seus não degenera.

Decifradores — Otter, 15; Oinotna, 15; Dilia Galo, 15; Otopavlis, 14; Rei do Oro, 14; Reirobi, 14; Horaciano, 14; F. Rodrigues, 11; Monteiro II, 11; Fantasma Negro, 11; Só Darco, 11; Feirante, 10.

♦♦♦

Charadas em verso

(Ao confrade e amigo Sepol)

(1)

Com seiscentas carapuças!!!
Mas o que vem isto a ser?
As casas da minha rua
Constantemente a tremer?!
E o candieiro da esquina
Também 'stá todo em tremuras!
Mas que raio aconteceu?
Até eu sinto tonturas!

Assim dizia o Magriço
Em certa noite de enguiço.

Mas do Magriço, a mulher
Surge e desata a berrar —
— Sentes tonturas?! Espera,
Que eu te vou aliviar...
E puxando dum bidé,
Dá com êle no Magriço,
Dizendo-lhe: — *Ande p'ra frente*, — 1
Marche já para o cortiço. — 1
— Ai mulher! — grita o Magriço —
Já me rachaste a cachola!
Ai rachei? — responde a fera —
Deita-lhe *cuspo* que cola...

Olegna.

(2)

O Sr. José Patrício — 1
E' um gajo sem vergonha,
Mas tem geito p'ro ofício — 2
E também tem muita *ronha!* — 2

Hoje 'stá modificado
E trabalha com ardor,
Por relações ter travado,
Com o ilustre «director».

Fantasma Negro.

(Ao Reirobi)

(3)

Como és boa *peessoa* — 2
Na próxima quinta-feira,
Vou mandar-te vir de *Côa* — 2
Lindo *móvel* de madeira.

Otopavlis.

♦♦♦

Combinada

(Ao colega Adriano X. Nel)

(4)

+ ta = Neste *rio português*,
+ do = No *sítio* que faz revessa,
+ co = Nasce uma *casta de emilhas*
+ na = Boa p'ra *dores de cabeça*.

Na farmácia ou drogaria,
Vai com certeza encontrar,
Pois, é de grande energia,
Sendo um *tópico* vulgar.

Otopavlis.

♦♦♦

Novíssimas

(5)

E' *ruim*, mas *esmoler* e gosta de
estar na *janela*, esta *mulher*. — 1, 1, 2.

Nalcefanir.

(6)

O *feixe* quando me *vê*, até *pára*,
julgando-me algum *insecto*. — 2-1-1.

Busina.

(7)

Rio abaixo *rio* acima, anda em vi-
gilância o *navio de guerra*. — 2-2.

Reirobi.

(8)

Cresce na *banda* um *instrumento*.
— 2, 1.

Kiçai.

(9)

Repara na *marca* daquele *automóvel*
que leva o *fruto!* — 1, 3.

Monteiro II.

(10)

Olhe que eu não ofendi o *homem*.
— 2, 1.

Fantasma Negro.

♦♦♦

Sincopadas

(11)

3 — A minha *graça* sai sempre com
ruido. — 2.

Busina.

(Ao confrade Só Darco)

(12)

3 — O *guarda* caiu numa *cova* com
água. — 2.

Lérias.

(13)

3 — *Cômo* uma *porção* de *bifes* para
conservar a *existência*. — 2.

Reirobi.

♦♦♦

Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(A' Serigaita)

(14)
O' QUERIDA S... PESO-A JÁ?

Xenofontes.

(Ao Sepol)

(15)
SEPOL SÁ VÁS

Reirobi.

(Ao ilustre Reirobi)

(16)
REIROBI O LAVRADIO?

Monteiro II.

♦♦♦

Tipográficos

(6 letras)

(17)

R
I
O

Serigaita.

(6 letras)

(18)

DOR

Rei Fera.

♦♦♦

Provérbio a adivinhar

(19)

O Justino António Chasco
Anda sempre co'a cardina;
E' do tasco p'ra oficina
E da oficina p'ro tasco.

'Stá na miséria,
O borrachão
E tem de fêria,
Um dinheirão!

Quando termina a semana,
'Stá constantemente a ver,
A hora de receber,
P'ra tomar a carraspana.

A massa apanha;
Logo em seguida,
E'.....

Vensodias.

Cartas do Mondego

Colega MARIA RITA:

Na passada semana recebemos a visita dos congressistas de Geodésia. Não digo que fosse um acontecimento digno de artigo de fundo, mas pouco menos. O que é certo, é que conseguimos com a sua visita a esta cidade de rouxinóis e choupos, transformar os Gerais da nossa Universidade em restaurante.

Por este andar ainda veremos instalados na Via Latina o Joaquim Pirata, o Roxo e o Bento.

E não deixará de ser interessante, interessante e original, ver os estudantes sair da aula de civil e ir até junto do Joaquim pedir um copo de verde e uma isca de chouriço.

Depois de uns dias de chuva, uma chuva incomodativa, peguinheita, voltou o sol.

Com a vinda do sol começam de aparecer novamente, as *toilettes* ousadas e os competentes decotes. Ontem passou na Baixa um decote, um decote maravilhoso, um decote que me fez lembrar aquela anedota conhecida:

Encontravam-se a uma das janelas do Vaticano, Gregório XVI e o Cardeal X. Este viu passar a condessa de B. cuja rara beleza causava a admiração de todos os italianos em geral e do Cardeal X em particular.

A condessa levava no seio uma cruz de brilhantes.

— Repare Vossa Santidade na *belacroce* que traz a condessa.

— *E' péu bello* — respondeu Gregório XVI — *il calvário che la croce.*

O Salema é meu amigo desde os bancos da escola, desde que juntos apanhamos muitas *bólas* por causa do rio Minho, do Infante D. Henrique, da sementeira das batatas — no nosso tempo ainda se ensinava agricultura nas escolas primárias — e coisas que já não são. Ora o Salema deu em conquistador famoso. Diz ele e eu acredito que já namorou mulheres de todas as províncias deste «jardim à beira-mar plantado». Faltava-lhe, porém, uma francesa, pois, diz ele, homem sem francesa é como caçador sem pontaria.

Há tempos encontrei-o de braço dado com uma loirinha bastante gentil, diga-se em abono da verdade.

Salema apresentou-me a sua nova conquista. Era francesa, uma francezinha que ele importava directamente de Paris.

Encontrei novamente o Salema e como vinha só, perguntei:

— E a Gaby?

— Deixei-a. Deixei-a e estou arrependido. Tu sabes que nunca aprendi francês. Ora, a Gaby, não falava outro idioma além do seu.

— Mas como é que vocês se entendiam?

— O amor é mudo. Aqui há tempos levei a Gaby a casa das Barros e a certa altura a minha sempre lembrada francezinha começou de queixar-se...

— Mas, afinal, que tem isso com o vosso afastamento?

— Ora aí é que está. Ela queixava-se e dizia que lhe doía uma parte do corpo cujo nome não soava bem...

— E depois?

— Depois, deixei-a. Deixei-a e estou arrependido porque só agora vim a saber que o que lhe doía era...

— Era?

— Imagina lá!

— Não sei, confesso que não sei...

— O pescoço! Nada mais nada menos que o pescoço!

Este ano, segundo dizem os jornais, há caça que é um louvar a Deus. Os caçadores da minha aldeia saltam e pulam de contentes.

E' caça por todos os lados.

E a propósito de caça lembra-me aquela anedota que corre por aí de boca em boca:

Dois sujeitos desafiavam-se para um duelo.

Diz um dêles:

— Como se chama?

— Felício Coelho.

— Não posso bater-me com você.

— Porquê?

— Porque não tenho licença para caçar.

Estão a acabar as férias. Já por cá se encontram muitas capas negras.

E agora, depois destes meses de descanso, outra vez às voltas com os livros, a-pesar-do *Palito Métrico* dizer no seu original latim que o primeiro período é o período da *cabulatio*.

A Universidade abre com foguetes e música, sessão solene e o diabo a sete.

O pior é que fecha quase sempre com girândola — passe o termo — de gatas e raposas.

Encontra-se em Coimbra o grande realizador Leitão de Barros que vem, segundo consta, filmar a vida dos estudantes, ou seja realizar mais um filme para a grande empresa *Tobias*. Leitão de Barros depois de desvendar a vida dos pescadores de Nazaré, a vida miserável de Lisboa e a vida dessa grande amorosa que em vida se chamou Severa, veem agora desvendar os mistérios das capas negras.

Não se pode dizer que isto seja descer, antes pelo contrário.

Dentro em pouco teremos Coimbra transformada em Hollywood, uma Hollywood em ponto pequeno, uma Hollywood com *Tobis* e *Tobias*.

Abraça-te o

Mil Reis.



— Receitas úteis —

Língua de sopa

Para levar a bom efeito este prato, procede-se da seguinte forma: procura-se (e não deve ser difícil encontrar) uma sogra daquelas que teem semelhanças com uma pantera e algema-se.

Em seguida, abre-se-lhe a mimosa boquinha, e vai disto: língua cá para fora.

Pega-se, depois, na língua e lava-se muito bem com potassa e piassaba, para lhe tirar toda a sujidade, que deve ser muita.

Depois, arranja-se um tempero apetitoso e serve-se mesmo assim.

Este pitêu tem largo uso por parte dos genros encravados e estuporados pelas sogras «amadas».

Coelho guisado

Caça-se um gato de estimação, daqueles que costumam fazer rou-rou em fofas almofadas, e trata-se-lhe da saúde.

Depois, prepara-se o bicho, e guisa-se.

Fica um petisco de se lhe tirar o chapéu, o chinó, e outras «cousas más».

E' um manjar espampanante e baratucho, como V. Ex.^{ta} vêem.

Se não se arranjar um gato da «mão para o pé», pode também servir um cãozinho; o resultado é exactamente o mesmo.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Tu teimavas e eu dizia:
Já não quero mais amor.
O que é demais atrofia
E eu quasi fui pró major.

recebemos mais as seguintes quadras:

Dizia a Micas ao Lino
Já não quero mais amor
Porque és um homem sem tino
E dás-me algum dissabor

Mário Soares.

Depois do que me disseste
Já não quero mais amor
Olha que até me fizeste
Subir à face o rubor

Ruth Mix.

Tive muitas namoradas
Já não quero mais amor
Já tomei muitas «tachadas»
Ao vinho tenho horror.

Francisco Rodrigues.

Quem namora não tem tola,
Já não quero mais amor.
O cano d'uma pistola
E' o desfecho e a dor...

R. L.

Já não quero mais conquistas,
Já não quero mais amor.
Porque a conta na modista
De cada vez é maior.

Rutra Luar.

Perdi a minha Maria,
Já não quero mais amor!...
Não namoro mais de dia,
De noite tem mais sabor...

Nabiça.

Adeus ó pequenas boas,
Já não quero mais amor!...
Ele custa muitas coroas,
Não serci mais lavrador.

Rei dos Nabos.

Já estou desiludido,
Já não quero mais amor.
Já não me caso contigo,
Já se foi esse calor...

Sacripanta.

E's feia como um bode
Já não quero mais amor.
Pois levastes o meu cobre,
E na cama muito calor.

Hó! Rei Artur I.

Já disse que nem por paga!
Já não quero mais amor.
E's coxa, zarolha e gaga;
As ventas são um horror!...

Ladino.

O amor, é muito chato...
Já não quero mais amor!...
P'ra livrar-me ao desacato,
Acho que assim é melhor!...

Alfredo Cunha (Raza).

Isto agora há de acabar!...
Já não quero mais amor.
Té me fizeste... esquecer,
Com tal força... de calor.

A. H. da S.

Eu disse ontem à «Nabiça»
Já não quero mais amor.
A tua perna é roliça...
Mas queimou-se c'o calor!

A. H. da S.

A Dília Galo me disse:
— Já não quero mais amor...
Vou passear até Nice...
Se você comigo fôr!

A. H. da S.

O' filha não t'aproximes!
Já não quero mais amor.
Tuas pernas são dois vimes...
Até me causam pavor!...

Alberto Henriques da Silva.

Já não quero mais carícias
Já não quero mais amor.
Depois de ver-lhe as delícias
Fica a gente bem pior.

Almôndega.

Tanto amor até aborrece...
Já não quero mais amor.
Tudo o que queima arrefece
E arrefeceu-me o melhor.

Beduíno.

Pede a Deus que nunca diga
Já não quero mais amor.
Pois serás minha inimiga
N'esse dia de pavor.

José Querido.

Estou da vida aborrecido,
Já não quero mais amor,
Arranja outro marido,
E vai na Paz do Senhor.

O. M.

Amor néctar que embriaga,
Já não quero mais amor,
Deixou-me profunda chaga,
Que ainda lhe sinto a dor.

Octávia Maria.

Estou velho, estou cansado
Já não quero mais amor.
Por isso nunca fui amado
Nem também sou amador.

F.

Adeus MARIA RITA
Já não quero mais amor
Por causa de ti cabrita
Trago a cabeça ao redor.

Franco.

Se tu um dia dissesses:
— Já não quero mais amor
Deus ouviria essas preces
E eu iria pró major.

Bernardino da Carta.

Vou-me embora adeus querida
Já não quero mais amor
Já levo pr'a minha vida
E pr'a morte que é pior.

Albinaã.

A tua lábia não pega
Já não quero mais amor
Já cá tenho pr'a sossega
Com bichinhos de redor

Lerrome.

Amor, eu não quero mais
Já não quero mais amor,
De tanto amor que me dáis
Trago no peito uma dor.

Pirilau.

O 1.º prémio de 30000 foi atribuído à quadra de Almôndega por ser a mais aproximada, e o 2.º prémio de 20000 foi atribuído à quadra de Lerrome por ser a mais engraçada.

Mote para a semana, Concurso do Outono obrigado às palavras

BEATRIZ e NASCIMENTO

N. B. — Estas duas palavras tem de fazer parte integrante da quadra, podendo cada concorrente pô-las da maneira que entenderem. Na nossa redacção existe uma quadra onde estas duas palavras figuram, continuando a ser distribuído dois prémios. O primeiro àquela que mais se aproxime e o segundo àquela que mais graça lhe acharmos.

Venham a nós os Poetas



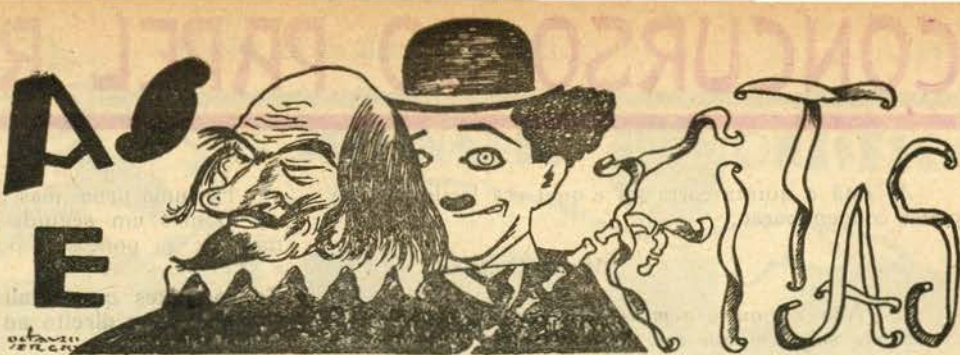
A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

PEÇAS E

OSTEATU
1927



DECIMA SEXTA PEÇA DO CONCURSO

A VOLTA

Escandalosa pepineira em dois actos

PERSONAGENS: Tobias, Zebedeu e D. Vitória

ACTO I

(Um gabinete do Restaurante dos Galegos. A' direita, um cabide, on de estão dependuradas várias teias de aranha. Ao centro uma mesa coberta por uma toalha manchada de sangue de Cristo).

TOBIAS (sentado à direita da mesa, com os cotovelos apoiados sobre a dita, cabeça entre as mãos e olhando para um mapa de Espanha) — Eu arranjo-a. Ora bem. (aponta com o dedo a carta corográfica) Em 2 de Janeiro sai de casa. Em 3 cheguei a Vigo onde estive até 30 de Junho. (conta pelos dedos) Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho... Seis meses... (levanta-se e chama um galego. Este chega junto do Tobias).

TOBIAS — Diga-me. Os meses em Espanha são do mesmo tamanho dos de cá?

GALEGO — Si, hombre! E's la misma cosa. (retira)

TOBIAS — Ora temos 6 meses... Em 1 de Julho fui para Madrid, onde estive até 30 de Novembro. Mais 5 meses, com 6 atrás, fazem 11. Depois (fala mais alto) Em 1 de Dezembro...

Os galegos todos (em côro e tremendo) — P'ra lonxe bá êxe dia, cunho!

TOBIAS — Volto para Vigo onde estive até 15 de Janeiro; nesta data vou para Tuy de onde sai em 30 do mesmo mês. Ora bem... Mais 2 meses. Em 31 ainda do mesmo mês chego de novo a casa. [Estes dois últimos meses juntos aos 11 (passa a mão pela testa) prefazem ao todo 13 meses... 13 meses fora de casa!!! Não; eu hei de dar volta a isto...

ZEDEU (entra rapidamente no gabinete) — Olá, caro Tobias! Estás a estudar geografia?

TOBIAS (sem tirar a vista da carta) — Não é má geografia... Mas eu hei de dar volta a isto.

ZEDEU — Bravo! (batendo no ombro do Tobias) Não sabia... Então uma volta a isso, hein?

TOBIAS (levantando os olhos, que começam a deitar fumo ao verem o Zebedeu) — O!!! E's tu, Zebedeu?! Desculpa, que eu estava cá a fazer umas contas...

ZEDEU — Desculpa interromper-te, mas...

TOBIAS (com os cabelos a pôrem-se em pé) — Dize-me, meu caro Zebedeu: E' verdade tu seres o pai do meu filho?

ZEDEU — Eu!!! Quem sabe lá quem é o pai do teu filho?!

TOBIAS — Mas todos me dizem que o meu filho é filho do Zebedeu! Ora Zebedeu só conheço um. E's tu.

ZEDEU (rindo até rebehtar os botões das calças) — Há mais Zebedeus!

TOBIAS (admirado e benzendo-se com a canhotinha) — Ai há?! (à parte) E eu a julgar que o meu filho era só dele! (para o Zebedeu) Afinal não é teu, é dos outros Zebedeus, não é?

ZEDEU (segurando as calças com as mãos) — Pois claro. O pai dos teus filhos é algum dos outros Zebedeus. Mas voltemos à vaca fria. Afinal a volta? Sempre a vais dar?

TOBIAS — Infalivelmente.

ZEDEU — Estimo que sejas bem sucedido.

Vamos beber à saúde da tua proeza. (bate as palmas, chega um criado) Traze lá uma caneca do verde.

CRIAO — Xá ben, freguês... (vai buscar a caneca e coloca-a sobre a mesa. Retira).

ZEDEU (levantando a caneca. A caneca do verde, é claro...) — A' saúde da tua vitória!

TOBIAS (batendo com a mão fechada sobre a mesa) — Interessa-te a minha Vitória, heim? Brindas à saúde dela...

ZEDEU — Brindo, sim (deixando cair algum verde sobre a toalha que ficou vermelha de vergonha) Estimo a tua vitória como se minha fosse...

TOBIAS — Tanto tu como minha. (à parte) A sorte assim o quis...

ZEDEU — Sim. Dizes bem. Da tua vitória depende o meu bem-estar, a minha alegria. (bebe) Que belo pingato! (limpa o bigode às costas da dextra) Bebe Tobias. (passa a caneca ao amigo).

TOBIAS (pega na caneca e bebe) — Sabes, Zebedeu não posso demorar-me. Se quiseres vir jantar comigo, dás-me muito prazer...

ZEDEU — Vá lá. Amanhã jantará tu em minha casa. (bate as palmas. Chega o criado) — Quanto se deve?

CRIAO — Dois escudos. (Zebedeu paga e bufa. Dá o braço ao Tobias e saem os dois)

(Nesta altura cai o pano do braço do criado).

ACTO II

(Em casa de Tobias. Uma sala de jantar).

Os mesmos e D. Vitória

ZEDEU E TOBIAS (entram pela janela do quintal).

TOBIAS — Senta-te. Entrá a tua vontade.

ZEDEU (sentando-se) — Com tua licença.

TOBIAS (sentando-se. À parte) — Para falar com a Vitória não pedi eu licença. (para o Zebedeu) — Pois como te ia dizendo. Eu tenho de dar volta...

D. VITÓRIA (entra em atitude hostil. Dirige-se ao Tobias) — Que faz você nesta minha casa? (à parte) Nem co' as portas fechadas a sete chaves, consigo evitar a entrada deste...

ZEDEU — Minha senhora! Por quem é...

D. VITÓRIA (sorrindo para o Zebedeu) — O cavalheiro evitou agora uma catástrofe... (para o Tobias) Seu indecente!...

TOBIAS (suando como um boi) — Desculpa Zebedeu... Apresento-te minha esposa... (para a esposa) — O meu amigo Zebedeu...

D. VITÓRIA — Muito prazer em conhecer o cavalheiro...

ZEDEU — Iguamente, minha senhora...

TOBIAS — O Zebedeu janta hoje connosco, Vitória.

ZEDEU (para a D. Vitória) — Talvez a minha visita seja importuna para V. Ex.^ª, mas desde que eu soube que o Tobias ia dar uma volta importante, jamais o poderei deixar até ao dia...

D. VITÓRIA (admirada) — Uma volta! A quê?

TOBIAS (a querer ser gente) — A isto tudo, minha senhora!...

D. VITÓRIA (fechando as mãos e ameaçando o Tobias) — O quê? A' casa?! Coitadinho...

ZEDEU — Perdão, minha senhora! O Tobias vai correr, estamos no tempo de andar a correr à volta de tudo.

TOBIAS (franzindo a testa) — Correr?!?

D. VITÓRIA (com voz de sogra) — Cale-se! Seu malcriadão. Deixe falar o Sr. Zebedeu. (rindo muito até rasgar a combinação) Ah! Ah! Ah! Corredor!... E aonde vai êle correr, ó Sr. Zebedeu? Conte-me, conte-me.

ZEDEU — A volta à Espanha!

D. VITÓRIA — A' Espanha! Não querem lá ver o corredor? (continuando a rir até o soalho começar a humedecer) Mais uma façanha. Como se saú bem das touradas, passa agora a correr... Ah! Ah! Ah!...

ZEDEU — Um futuro «á». Estou convencido de que V. Ex.^ª tem um grande corredor como marido, pelo que a felicito.

TOBIAS (à parte) — Olha como êle sabe...

D. VITÓRIA (continua com a risota) — E tôdas as suas aventuras são em Espanha! Aquela da tourada em Madrid... O touro por cima dele, êle por cima do touro; eram dois touros às bulhas!!! Agora corredor! Estou mesmo a vê-lo com o guiador cravado na cabeça!

ZEDEU — Não há de ser tanto assim, minha senhora. (para o Tobias, que treme de raiva) Coragem! Não desanimes. Pensaste na volta, não desistas.

TOBIAS — Qual desistir?! Se eu não...

D. VITÓRIA (para o Zebedeu) — Ele desiste sempre. Todos os seus projectos, as suas tentativas, saiem frustrados. (para o Tobias) O menino já comprou a bicicleta?

TOBIAS — Qual bicicleta? Eu quero lá saber de bicicletas?! (para o Zebedeu) Se eu nem sequer sei andar nelas...

ZEDEU (admiradíssimo) — O quê?! Então como vais dar a volta à Espanha? A pé?...

TOBIAS — Volta à Espanha! Volta mas é à minha situação...

D. VITÓRIA (disfarçando o caso) — Olha o corredor... a desistir antes de chegar à meta...

TOBIAS — A senhora bem sabe a volta que eu vou dar.

D. VITÓRIA (para o Zebedeu) — Ele precisava mas era de dar uma volta ao miolo...

TOBIAS — Já dei muitas... a pensar como é que estando eu sem ver a senhora du ante treze meses, ausente em Espanha, eu fui pai do seu filho, que veio ao mundo na semana seguinte à da minha chegada.

ZEDEU (meio gago e abrindo e fechando os olhos muitas vezes) — To... tobias. Ago... go... ra é que eu compre... pre... endo a volta... que vais dar. Dá... dá a volta e apara os... calos por que eu já reparei que as portas da tua casa são estreitas e a janela por onde entramos nem sempre estará aberta.

(O Zebedeu cai em si, o Tobias cai das nuvens, e o pano também cai do rosto de D. Vitória).

Olegna.

CONCURSO DO PAPEL RASGADO

Aí está a quinta carta tal e qual era facilima e de pouca congeminção.

Minha Senhora:

Não há outro remédio. Lamento profundamente mas tem que ser. O nosso amor morreu. Servir-me-á nas horas de saúde a lembrança da sua divina realidade. Tenho muita pena e não tenho remorsos. Talvez que sua mãe os tenha. Só a ela deve o estado a que isto chegou.

Adeus. Pela derradeira vez me subscrevo seu

Dr. Knox.

Este concurso que foi, para nós, o mais interessante, não teve, talvez pela sua dificuldade, o condão de despertar o nosso público habituado a comer a papa feita.

Foi por esta razão, que desde o início, este concurso não teve a costumada concorrência dos anteriores. E mais ainda: por que ele se desmascarava quanto a pontos na quarta carta, já a quinta não vieram senão aqueles dos concorrentes que estavam em situação de alcançar mais de quarenta pontos.

Foi uma pena mas não nos cabe a culpa.

Damos em seguida a nota dos concorrentes com mais de 40 pontos, e portanto, com direito a prémios.

Concorrentes que totalizaram mais de 60 palavras e que teem direito ao prémio de 20\$00:

Formozinho da Sé, 66; Marcos Correia, 66; Lamise, 64; Marcolino, 64; Impávida e Serena, 63; Manuel S. F. Tavares, 60; Almiro Pôrto, 60.

Concorrentes que totalizaram mais de 40 palavras e que teem direito ao prémio de 10\$00 representado por um livro de igual valor:

Dr. Cupido, 55; Pimpão de Altamira, 53; A. Menezes, 50; Greta Garbo, 46; Serafim Moraes, 46; Maria Fernanda, 45; Teotónio Ferreira Mendes, 44; Barnabé, 43; Salvarelo, 42; Ladino, 41; A. Brenha, 41; Manuel Ferreira da Cunha, 41; Imperfeita, 40; A. Abruñosa, 40; Tino Cobrado, 40; Beleza das Belezas, 40; Estoira-Vérgas, 40.

Estes concorrentes poderão reclamar o prémio quando entendam.

Concurso de Outubro

Em virtude de ser intercalado um feriado nesta semana, não podemos ainda hoje dar início ao concurso de

O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA

que iniciaremos no nosso próximo número.

Entretanto, damos abaixo o plano pelo qual se regirá.

A MARIA RITA publicará na próxima semana uma gravura representando nada menos que sete cavalheiros no primeiro plano e seis chapéus no segundo. Seis destes cavalheiros, são criaturas completas, que além de serem bem formadas sabem trazer a cabeça no seu lugar. Um deles, porém, quere-se fazer fino e saiu de casa sem chapéu. A policia de costumes viu-o nesse estado e quis prendê-lo. Felizmente a amizade dos outros salvou-o porque resolveram todos tirar o chapéu, e o policia vendendo-os a todos de cabeça descoberta, ficou indeciso por não saber qual era deles o que o não trazia.

Em face disto, e em nome do enrascado policia, vimos perguntar aos nossos distintos concorrentes:

Qual é o homem da cabeça descoberta?

E' necessário adivinhar também qual o chapéu que cabe a cada cabeça, não é verdade?

Desta forma, o concorrente tem de mandar o recorte da gravura com a seguinte explicação:

Aproveitando-se dos números que levam, tanto os chapéus, como os cavalheiros, dizer-nos que o número tal (chapéu) corresponde ao número tal (homem) e que o número tal (homem) é o tipo da cabeça descoberta.

1.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em cheio com a decifração exacta deste concurso que está exposta em envelope lacrado na montra da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

2.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em 5 das 6 combinações necessárias além da indicação do Cabeça descoberta.

3.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam dizer uma vez só qual é o tipo da cabeça descoberta.

4.º prémios — A'queles que em nenhuma das semanas acertem com o tipo da cabeça descoberta.

Os valores dos prémios

3 primeiros prémios de 100 escudos cada um				
5 segundos	"	"	50	"
20 terceiros	"	"	20	"
" quartos	"	"	10	"

num total de 1:150\$00 em moeda corrente. E a MARIA RITA a quem promete não falta.

Interessantíssimo — Esplêndido — Engraçadíssimo

E' entrar, senhores! E' entrar, que vai principiar no próximo número.

Este concurso prolongar-se-á por 4 semanas e durante tôdas elas o concorrente é obrigado a mandar o recorte com a ordem que entender, e os prémios serão distribuidos pela forma atrás mencionada.

Visado pela Comissão de Censura